

pedaçado por crueis reminiscencias dei-xei Nova-Orléans, e vim residir em Baltimore onde ninguem conhece a nodoa de meu consorcio, nem o vicio que deslustra o nascimento de meus filhos. Ha dez annos que habito esta cidade, e n'ella tenho adquirido novas relações, restabeleci meu credito, reencontrei a fortuna, mas a felicidade!... essa nunca mais a encontrarei na terra.

Embora pareça que aqui vivemos felizes: o temor demora no intimo do peito.

Todos ignoram a condição deshonrosa de meus filhos, mas um dia podem descobrila. Si nos amam e respeitam e por que ignoram quem somos. Basta para perder-nos uma unica palavra, de bem informado inimigo. Somos como o culpado que a sociedade suppõe inocente, e que não ousa acceitar a consideração publica, temendo que, descoberto o crime, mais se augmente a deshonra:

N'este paiz a separação entre os homens brancos de raça pura e os homens, chamados de côr, existe por toda a parte! nos hospitaes onde a humanidade padece; nas igrejas onde ora ao Creador, nas prisões onde se corrige, no cemiterio onde dorme o sonmo da eternidade... Sim, quando meus filhos morrerem, alguem lembrará que cem annos antes, um homem de côr existiu em a nossa geração; quando seus cadaveres forem transferidos á terra destinada as sepulturas serão repellidos, por que não fisnem com o contacto impuro os esqueletos d'uma raça privilegiada.

Meu jovem amigo, devia confessar-los a causa de minhas desgraças... a hospitalidade o exigia. — Si procuraes a felicidade na terra, não a encontrareis entre nós.

Extrahido de Beaumont.

UM SONHO.

Eu não sei: cada qual tem sua quezilha, sua mania, uma coisa com que solememente embirre. Um certo não pôde ouvir a narração do infortunio, porque teme que um dia o mesmo lhe aconteça; outro toma em mau agoir o encontro do finado; este arrepiá-se todo quando algum falla em lobishomens, bruxas, almas do outro mundo &c. &c., aquelle toma-se de horror, soffre attaques nervinos quando sabe que há no mundo ladrões que surtam, assassinos que matam, e cirurgiões que cortam pernas.

Eu cá, posto não seja dos mais melindrosos, tambem tenho uma balda que não é por certo das melhores.

O meu fraco é não poder ouvir a narração de sonhos, não tanto dos horrores, como daquelles que se realisam a justa sem faltar ponto nem virgula. Digam lá o que quiserm os *espiritos fortes* explicando os phenomenos dos sonhos, nada me há satisfeito ate ao presente. Parece que entre o homem e as intelligencias invisiveis da-se uma especie de comunicação que tem logar quando o corpo reposa: então nossa alma livre dos impecilhos sensitivos que a peiam ascende para uma esphera superior e lá entretem-se acerca do passado e do futuro com as potencias invisiveis. Ora esta confidencia nocturna com quem a gente não conhece, com effeito não deixa de sobrealtar-me, causando-me serias desconfianças. Às vezes o entretenimento não passa de extravagancias romanticas, porque a falar a verdade, si o romantismo não é filho das hervas, não conheceu outro pae sinão o sonho. Outras vezes porém entra na baila o futuro, e então sinto quando se elle realiza uma impressão inexplicavel, indefinivel, faço mil conjecturas, cada qual mais extravagante acerca dos espiritos que povoam os ares, meu pensamento se embrulha pelo mysticismo a dentro, e quasi não quasi que me lanço nos braços de algumas d'essas loucuras parciaes, chamadas pelos medicos legaes — monomanias.

Mas tudo se não cifra n'este ponto. Minha constituição organica é summa-mente debil e não deixa de ser eivada d'esse doença do grande *tom* chama-da attaques de nervos, e tudo isso por amor de um sonho! E quantas vezes a sorte de uma batalha, os destinos de um grande imperio não dependeram de menores coisas?

Agora que sabeis a prevenção que tenho contra sonhos que se verificam, contar-vos-héi um que produziu em mim a mais extrânea das sensações.

A 7 d'agosto do anno passado, apezar de me haver deitado sem cear, sonhei que tinha visto em casa da minha querida Adelaide dois mancebos, cujas phisionomias me eram totalmente desconhecidas. Um d'elles era claro; os cabellos loiros, olhos azues, n'elles demonstravam um descendente puro da raça caucasiana: o outro ainda que menos bello, possuia essa tez amoreada macia como um arminho, não enrubecida pelos fogos da mocidade, sinão palida e melancholica como os traços de uma heroína de romance. Elles, con-

versavam, e Adelaide os entreteiaha com aquella graça de ademans e feiticeiro sorriso que sem duvida lhe valera o pomo de judicioso Páris, si por ventura tivesse ella vivido n'esses felizes tempos em que as divindades baixavam do Olympo para pregar peças aos pobres humanos, e entreten-se com os pastores, e povear os céos de semi-deuses.

Adelaide estava tão contente e prasenteira, qual em dia dos nossos primeiros amôres nunca se havia portado para commigo; e os dois mancebos pareciam a porfia querer conquistar-lhe os affe-ctos: o primeiro fiava-se na regularida-de de suas feições, na alvura da tez, e no gracioso annellado de seus fios de oiro; e segundo fazia o papel de *bel esprit*, ora volvendo os olhos com um bri-lho que deslumbrava, ora deixando reclinar-se em uma poltrona fingindo amantetica malancholia, soltando de vez em quando um repente, um dito engenho-so que quase lhe valia a victoria sobre seu formidável antagonista. Interessante fôra a qualquer desfructar esses recur-sos da estrategia amorosa, mas eu, a falar a verdade, não gostava muito da função.

Pelo que vai dito, bem podeis ima-ginar que o meu disperter não foi dos mais agradaveis. Longo tempo levei a volver na mente minhas ideias, confusas por tão inesperado acontecimento. Bem procurava passar em resenha todos os ditos, e anterior proceder de Adelaide para comigo, a ver si alguma ne-cordação trahia sua infidelidade. — Bal-dada tentativa! ella sempre me apparecia bella como os amôres, candida como a innocencia.

Ora são sonhos! quem n'elles acre-dita não tem que fazer; passemos adian-te: vesti-me, e fui occupar-me dos meus negocios. Dahi a meia hora nem mais me lembraava de semelhante sonho. Nes-se mesmo dia fui ter com Adelaide; ella saudou-me com um sorriso nos la-bios tão feiticeiro, que maldisse todos os sonhos do mundo. Si o mesmo José existisse não sei si o chamaria de im-postor.

Oito dias haviam decorrido quando o acaso, esse maldito acaso que se in-tromette em tudo e de tudo decide, guiou meus passos para a habitação de minha amada, uma hora antes do tem-po, em que, longe das intrigas e maledi-cencias dos homens, costumava gozar momentos de prazer e felicidade.

Ao entrar da porta bem ouvi vozes que me não eram desconhecidas, mas donde não sabia dizer. Pé ante pé em-caminhei-me pelo corredor, bato na porta que ia ter á varanda, a creada

me reconhece, imponho-lhe silencio, e as furtadellas me introduzo no gabinete da sala. Ahi por entre as cortinas vejo Adelaide, a minha querida Adelaide com aquelle gracioso sorriso, a que ate entao me parecia ter direito exclusivo: ella conversava com dois mancebos. — Um era claro, — o outro moreno.

— Eram elles mesmos!

RODRIGUES DA SILVA.

Collaboração do Gabinete.

A MÃE QUE ASSASSINOU A FILHA

A 16 de junho passado uma imensa multidão de curiosos se haviam reunido em frente da casa da viuva O'Donald; estranhos boatos circulavam entre o povo; dizia-se que essa mulher havia devorado sua filha; todos os assistentes porém rejeitavam a suposição de semelhante crime como impossível.

A 10 de setembro compareceu a acusada perante os *assizes*, e foi ahi constantemente o objecto da mais viva curiosidade.

Resulta da acusação que muitas pessoas, passando pela sala onde mora a acusada, se tinham assustado com o cheiro de carne assada que forte se sentia. Eram então onze horas da noite, e o pensamento d'um incendio, talvez não sabido, os induziu a penetrar no recinto da habitação saltando por cima d'um muro. Não perceberam porém fumo ou outro algum signal de incendio; como a lua brilhava vivamente, estavam certas estas pessoas que se não enganavam.

Entretanto sentia-se sempre o mesmo cheiro; e quando se iam retirar feriu-lhes de repente a vista uma luz que ainda não haviam percebido. Esta luz partia d'uma adega feita por detrás d'uma granja, e por consequencia separada do corpo principal da casa. Ahi, inclinando-se por cima do orificio do respirador, viram um espectaculo horroroso. Uma mulher ainda moça, descabellada, quasi nua, estava abajizada perto d'um brazido, no qual se achava o cadaver meio consumido d'uma criatura. De tempos em tempos ella o vivava, depois quando os tições se iam apagando, ella se abaixava para os accender com seu sopro, e logo que se inflamavam, horrivel sorriso lhe contraria as feições.

A acusada não nega algum dos precedentes portenores, e nem mesmo

procura apresentar justificação. O presidente, depois de ter ouvido o depoimento de algumas testemunhas, procede ao interrogatorio.

Pergunta. — Que idade tinha vossa filha? — Resposta. — Dez annos.

P. — Porque lhe destes a morte por uma maneira tão cruel? — R. — Lique os pais podem dispor á sua vontade dos filhos que o céo lhes dá. Minha filha tinha mau procedimento; quiz puni-la.

P. — Os pais não são em caso algum autorisados para dispor da vida de seus filhos. Não sei onde lestes o preceito que citastes; sabeis onde foi? — R. — Oh! perfeitamente. Foi n'um livrinho que comprei na feira, e que estava cheio de historias edificantes e de conselhos tirados de autores sagrados.

P. — Na Asia o pae ou a mãe podem, é verdade, matar o filho que os ultraja, mas não é esse o costume na Europa, e de mais não é possível que tivessem graves motivos de queixa contra uma inocente criatura de dez annos. — R. — E' o que vós não sabeis. Minha filha me detestava, e eu a abhorrecia tambem, porque foi ella a causa de meu defunto marido separar-se de mim.

P. — Como! e não vos arrependeis do crime que cometastes? — R. — Porque rasão me arrependeria do que considero como o exercicio d'um direito justo?

P. — Abandonnae esse meio de defesa, que agrava vossa posição. — R. — Pois eu não quero outro. Dei à luz quatro filhos; um d'elles era o tormento da minha vida, abreviei-lhe a sua. Que se segue d'abi? Devia-me a existencia, tirei-lh-a; agora nada mais me deve.

P. — Acusada, vossas palavras indicam loucura. Ainda não houve inãe que tivesse tal linguagem. — R. — Não sou louca. Sei que me condenareis á morte; podeis fazel-o; matae-me mas não me forceis a ter pesar do que se há passado. — Não nego que matei minha filha, mas não é verdade que a comesse, como algumas pessoas se atreveram a afirmar.

P. — Entretanto vós a queimastes viva, o que não é menos horroroso. — A. — Não foi morta nas brasas; estrangulei-a e quando ella deu o ultimo suspiro, levei-a para a adega, onde ficou por espaço de cinco dias, no fim dos quaes julguei a propósito empregar o fogo para fazer desaparecer os vestigios de... de...

J. — De vosso horroroso crime!...

A estas palavras pronunciadas com fogo pelo presidente, a acusada que havia hesitado um segundo, continua

com calma: Do que tinha feito; porque eu queria sua morte, mas não seus sofrimentos.

É impossivel descrever a impressão que em todas as pessoas que assistiram aos debates produziram o odioso sangue frio d'esta mulher. Seu rosto entretanto não denuncia inclinações ferozes.

A sentença do tribunal faz honra ao jury de Limerick; não quiz crer que fosse possivel a uma mãe degolar sua propria filha sem ter perdido a razão. Em consequencia declarou a accusada não culpada apesar de suas reiteradas confissões, mas ao mesmo tempo decidiu que fosse presa em uma casa de alienados para todo o resto de sua vida.

(*Bushing's Evening-Post.*)

MISCELLANEA.

CASTIGO DO ADULTÉRIO NA RUSSIA.

No contracto de casamento a mulher promete ao marido ser-lhe fiel, de sua parte promete o marido que no caso de pilhal-a em flagrante delicto de adulterio, elle ha de açoitá-la, sem piedade, e sem se encolerisar. Assim os esposos sabem os deveres a que estão ligados. A mulher infeliz é açoitada, depois volta ao gozo de seus direitos: tudo vai bem. Quando uma donzella está para casar-se, o pae armado com um chicote pergunta ao noivo si para sua mulher a quer aceitar: responde este que sim: então o pae dá trez chicotadas nas costas da filha, dizendo-lhe: « São estas, minha querida filha, as ultimas paneadas que levarás de teu pae: e entregó minha autoridade, e meu chicote a teu marido, elle sabe o uso que lhe tem de dar. » O noivo, que conhece muito bem as conveniencias para aceitá-lo de prompto, assegura ao pae, que com sua filha não será preciso recorrer a esses extremos: mas o pae insta, e por sim o noivo aceita a arma contra o adulterio.

SINGULAR APOSTA.

Um Inglez apostou ha pouco que beberia um pote d'agua mais depressa do que um cavallo com sede. Ganhon a aposta pór que o cavallo não conseguiu beber o pote d'agua.